

Folha do Bairro

Campinas, novembro de 2025

Este jornal, feito pelos alunos da PUC-Campinas, é um produto da disciplina
Jornalismo Impresso Diário sob orientação da professora Rose Bars

Violência contra a mulher aumenta em Campinas

Cidade lidera feminicídios no Estado de São Paulo e registra alta contínua nas denúncias

O avanço da violência contra mulheres em Campinas acendeu um alerta no município, que passou a liderar os feminicídios no Estado de São Paulo e a registrar aumento constante nas denúncias. Em 2024, a cidade

contabilizou duas queixas por dia no Disque 100 e o ritmo se manteve em 2025. A escalada regional acompanha o cenário paulista, que representa o maior número de feminicídios para o período com o registro de 168

casos nos oito primeiros meses de 2025, segundo dados oficiais. Para profissionais que atuam no acolhimento, a violência psicológica aparece como o tipo mais frequente, afetando especialmente mulheres em situação

de vulnerabilidade. Histórias de campineiras revelam relações marcadas por controle, ameaças e perseguições mesmo após o término, reforçando a dificuldade para romper o ciclo de medo. Diante desse quadro, serviços

públicos especializados destacam a importância da denúncia e oferecem apoio psicológico, jurídico e social, enquanto o canal 180 segue como principal porta de entrada para pedidos de ajuda.

[Página 3](#)

Foto: Gabriela de Brito



Feira de Barão acontece aos finais de semana na Praça do Coco

Feira impulsiona economia criativa

Evento abre espaço para o artesanato autoral, gastronomia diferenciada e música ao vivo. Há cerca de três mil visitantes por fim de semana, e quando há eventos específicos esse número pode dobrar.

[Página 2](#)

(Foto: Isadora Patelli)



Centro comercial de Americana com lojas fechadas e ruas vazias

Varejo da Região Metropolitana de Campinas esvazia as ruas do centro

A Região Metropolitana de Campinas vive um processo de esvaziamento dos centros comerciais, com lojistas migrando para bairros e shoppings que oferecem melhor infraestrutura, custos menores, maior conveniência aos consumidores e estacionamentos mais seguros. Em cidades como Americana e Sumaré, a combinação entre prédios antigos, dificuldades com a Zona Azul e novos polos comerciais tem mudado o fluxo do varejo e desafiado entidades a buscar soluções para revitalizar as áreas centrais.

[Página 4](#)

(Foto: Maria Vitória Costa)



Acolhidos pela Toca de Assis durante o jantar coletivo

Urbanização acelerada traz riscos à fauna

Com a expansão urbana desordenada a cidade de Vinhedo registra mais ocorrências envolvendo animais silvestres, que enfrentam deslocamentos arriscados, perda de habitat, migração para zonas urbanas e acabam morrendo ou precisando de ajuda, o que mobiliza ainda mais as equipes de resgate e preservação.

[Página 9](#)

Toca de Assis acolhe pessoas vulneráveis

A Toca de Assis possui duas sedes em Campinas. A Toca Irmãos e a Toca Irmãs e cada uma atende um público diferente. Em cada unidade, os monges dedicam seus dias a acolher pessoas que perderam o vínculo com a família e com a sociedade.

[Página 10](#)

Jardim Itaguaçu anseia por pavimentação de suas ruas

Os moradores do Jardim Itaguaçu, em Campinas, denunciam a paralisação das obras de pavimentação das ruas, iniciadas em abril de 2024 com o programa Meu Bairro Bem Melhor 2. O serviço foi interrompido após a desistência da empresa responsável pelas obras.

[Página 4](#)

Hortolândia é a cidade mais adventista do Brasil

Bairro nasceu a partir da instalação da faculdade Unasp e cresceu com fiéis que vieram estudar e ficaram. A cidade conta hoje com mais de sete igrejas, e uma escola privada de ensino fundamental.

[Página 6](#)



Ao todo são 40 tendas de artesanato e de alimentação, distribuídas em um parque arborizado com brinquedos para crianças (Foto: Gabriela de Brito)

Economia é criativa em Barão Geraldo

Feira artesanal da Praça do Coco recebe cerca de três mil visitantes por final de semana

Gabriela de Brito

A Feira de Barão Geraldo é um encontro cultural e artesanal consolidado, que reúne os moradores da região, artesãos, produtores locais e visitantes em um ambiente descontraído e comunitário. Ela abre espaço para a economia criativa, artesanato autoral, gastronomia diferenciada e música ao vivo.

Os expositores produzem bijuterias, peças de tecido, brinquedos, acessórios, objetos de decoração. Entre esses artistas, as artesãs que assinam sua marca por Toki de Amor e Migui Acessórios, fazem a mesma afirmação: conseguem tirar 80% de suas rendas mensais somente com o evento.

A dona da marca Toki de Amor, Claudia Marisa Teixeira, expositora há 17 anos, afirma que a feira é influente no bairro, porque é um centro de convivência e prestação de serviços. Ela diz que muitas pessoas, incluindo ela, consomem somente os legumes comercializados nesta feira, porque são orgânicos, sem agrotóxicos. A artesã reconhece que o espaço ajuda a expandir a clientela para além do bairro. “Há um aumento de visibilidade ao participar do evento, principalmente nas

redes sociais”, avalia.

A influência nos resultados em números no Instagram e no retorno financeiro também é observado por Mildeide Guimarães Cintra proprietária da marca Migui Acessórios. Segundo ela, o lucro com as vendas durante a feira gira em torno de até 30%. A visitante Elisa Herker, estudante de 20 anos, aprova a gastronomia local, com comidas artesanais e doces caseiros. “O brownie da Peccatum foi o melhor que já provei”, frisa.

Durante a feira, há apresentações musicais ao vivo e, em datas comemorativas, há teatro, contação de histórias, circo, dança, canções populares. Ao todo são 40 tendas, distribuídas em um parque arborizado e com brinquedos para crianças. A Feira de Barão, como é conhecida, incentiva o comércio da região desde 2002. Ela surgiu em 1998, como Feira Guará, com a organização dos moradores do bairro, em uma área de estacionamento na Padaria Casa Grande.

Em 2001, os artesões foram transferidos para a Praça do Coco, pois os proprietários da padaria começaram a construir um novo prédio. Na época, era apenas um terreno baldio, sem infraestrutura. Um dia antes da inauguração,

os artesãos capinavam toda a área para a realização da feira. Somente em setembro de 2002, a feira foi autorizada, pela Prefeitura de Campinas, a permanecer no local, atraindo mais expositores.

Segundo a administradora das redes sociais da Feira de Barão, Ana Flavia Malta, hoje há cerca de três mil visitantes por fim de semana, e quando há eventos específicos esse número pode dobrar. “Essas pessoas circulam pela região e é comum que consumam em lojas, bares e cafés da região. Os visitantes conhecem o comércio local e isso ajuda na economia da nossa região”, comenta.

Ana Flavia ressalta, também, que existem visitantes de outros estados e países. “Isso está diretamente ligado à presença da Unicamp, mas parece se intensificar por razão de parceria com a Secretaria do Turismo que investe na divulgação de feiras, por entender a importância desse setor para a economia local.”

Serviço

A Feira de Barão acontece todos os fins de semana, no sábado das 10h às 16h, e no domingo das 10h às 15h. O endereço é a Praça do Coco (Rua Manoel Antunes Novo, nº 822).



Feira tem 27 anos de existência (Foto: Gabriela de Brito)

Violência contra mulheres só cresce

Em Campinas foram feitas 866 denúncias em 2024; um aumento em relação ao ano anterior

Alana Pedrozo

Campinas registrou em 2024 uma média de duas denúncias diárias de violência contra mulheres no Disque 100, de acordo com informações do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. O número representa um aumento de 14,5% em relação a 2023, quando foram contabilizadas 756 denúncias, contra 866 no ano seguinte. Já em 2025, até o dia 3 de agosto, o município registrou 304 casos.

Para Patrícia Filizola, psicóloga da Casa da Mulher Campineira — espaço voltado ao acolhimento de mulheres em situação de vulnerabilidade — e integrante do Ceamo (Centro de Referência de Apoio à Mulher), a violência contra a mulher é um fenômeno universal, que não possui um perfil específico. “Todas as mulheres estão suscetíveis à violência por viverem em uma sociedade estruturada sob bases machistas”.

A situação se reflete também no Estado de São Paulo, com o registro de 168 casos de feminicídio nos oito primeiros meses de 2025, o maior número já contabilizado para o período, conforme dados da Secretaria de Segurança Pública (SSP-SP). Entre as cidades paulistas, Campinas lidera o ranking com 65 vítimas, seguida por Sumaré (11), Hortolândia (9), Americana (7) e Mogi Mirim (7). No Brasil, quase um terço das mulheres já foi vítima de algum tipo de violência praticada por parceiro ou ex-parceiro. O índice, que chega a 32,4%, é superior à média global de 27%, segundo um relatório recente da Organização Mundial da Saúde (OMS).

A psicóloga Patrícia Filizola destaca que a violência psicológica é a mais recorrente entre os casos atendidos no Ceamo, pois está presente em praticamente todas as outras formas de agressão. “No serviço público, observamos ser uma predominância de mulheres de baixa renda. Há, portanto, uma diferença clara entre o cenário global e o contexto atendido por instituições públicas”, explica.

A dona de casa Célia foi vítima de violência psicológica. Ela viveu por muitos anos em um relacionamento marcado pelo controle e pelas ameaças do ex-marido, com crises frequentes de ciúmes, ameaças e tentando isolar a família. “Ele dizia que se eu terminasse, não acharia ninguém, e que seria



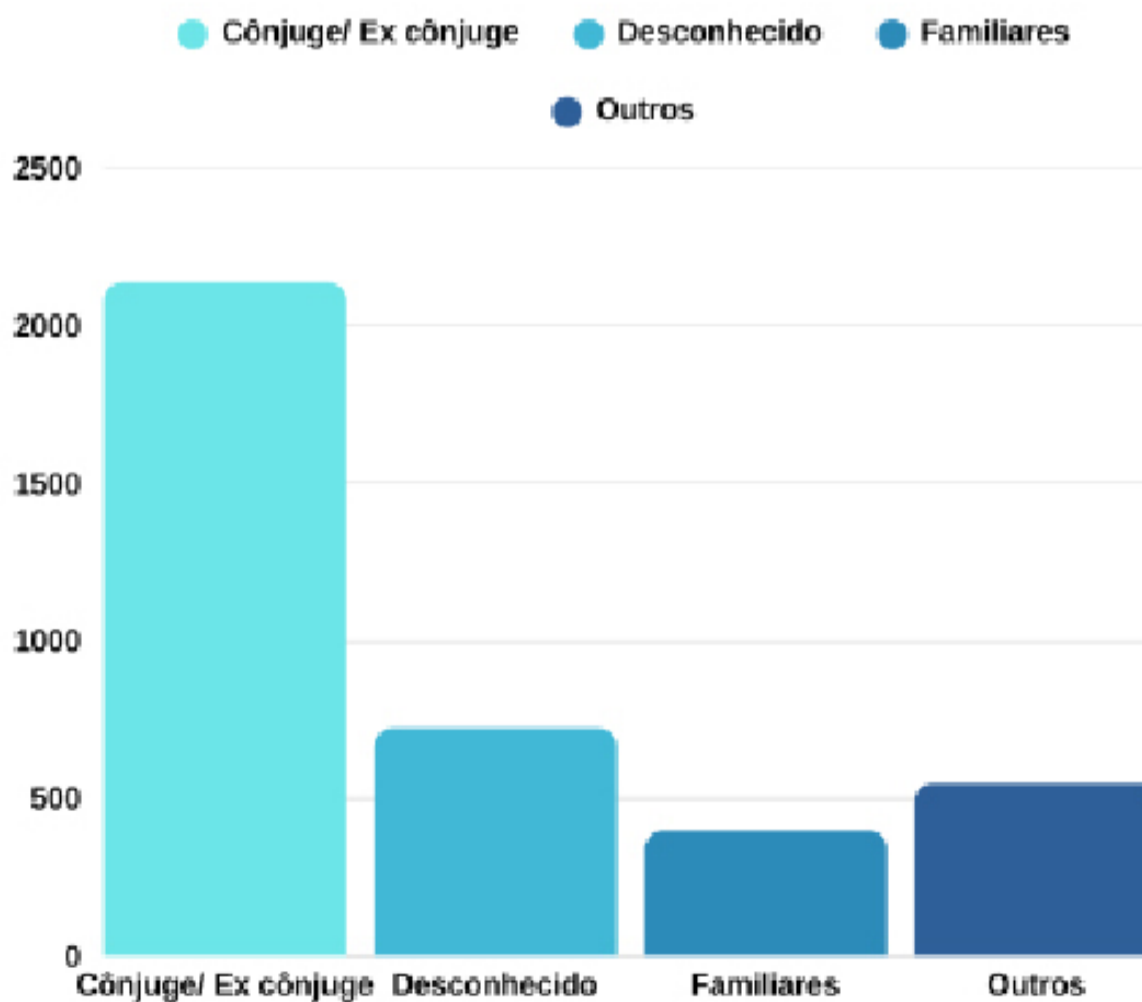
No Brasil, quase um terço das mulheres já foi vítima de algum tipo de violência praticada por parceiro ou ex-parceiro (Foto: Alana Pedrozo)

capaz de me matar”, relembra. A situação chegou a um ponto em que a filha, de apenas oito anos, precisou buscar ajuda dos vizinhos. “Ele começou a gritar dizendo que ia me matar e saiu correndo atrás de mim. Eu me tranquei no quarto, mas meus três filhos ficaram na sala. Foi tenso demais”, contou.

Outra vítima, Lucinda relata ter vivido momentos de medo e perseguição após o término de um relacionamento marcado pela violência psicológica. Segundo ela, o ex-namorado, além de agressões durante o relacionamento, não aceitava o fim da relação. “Ele falava que se eu não voltasse com ele, iria atrás do que eu mais amava, meus filhos”, lembra. Mesmo após o término, a violência continuou. O ex-companheiro passou a persegui-la, rondava sua casa de carro, até que obteve medida protetiva, prevista na Lei Maria da Penha. “Foi um tempo bem difícil, não deixava meus filhos abrirem a janela, porque dava direto pra rua e eu tinha medo dele fazer alguma coisa”, relata Lucinda.

A psicóloga Patrícia Filizola reforça que, reconhecer os sinais e buscar ajuda, são passos para romper o ciclo do medo. Serviços públicos, como a Casa da Mulher Campineira e o Ceamo (Centro de Referência de Apoio à Mulher), oferecem acolhimento psicológico, orientação jurídica e acompanhamento social às vítimas. A denúncia, afirma, é o principal instrumento de proteção e pode ser feita pelo 180, canal nacional de atendimento à mulher.

Distribuição dos Autores da Violência Contra Mulheres (2019–2023)



FONTE: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania

Lojas deixam centro das cidades

Custos elevados dos imóveis e prédios antigos aceleram o esvaziamento do comércio na RMC

Isadora Patelli

O fechamento de lojas nos centros urbanos na Região Metropolitana de Campinas tem impactado na oferta de serviços, decorrente da mudança do hábito do consumidor, que opta pelo comércio digital, assim como pelo custo operacional em relação à qualidade da estrutura dos prédios. A empresária Alice Ribeiro Moura, optou por instalar sua loja de sapatos Constance na rua das Paineiras, no bairro Jardim São Paulo, distante cerca de três quilômetros do Centro de Americana, pela falta de infraestrutura. “Os prédios são antigos e não comportam mais as necessidades dos lojistas”, diz. Em Americana já foram fechados 62 estabelecimentos na área central.

Segundo ela, o funcionamento da zona azul no Centro afasta os clientes que reclamam do mau funcionamento do sistema, além da cobrança de R\$2,15 a hora, o que limita a presença dos consumidores nas áreas de comércio. “No bairro não há cobrança, e isso impulsiona o movimento na rua das Paineiras”. Na opinião da empresária, nem a revitalização da área central ajudaria,



Rua principal do centro comercial de Americana com todas as lojas fechadas (Foto: Isadora Patelli)

pois haveria o reajuste no valor dos aluguéis dos imóveis. “A maioria dos comerciantes não voltaria para o Centro”, frisa.

As cidades da RMC que mais sofrem com migração das lojas para bairros e shopping, além de Americana, são Campinas e Sumaré. Segundo o presidente da Associação

Comercial e Industrial de Americana (Acia), James Nadin, afirma que as avenidas Paschoal Ardito e Campos Salles e a Rua das Paineiras tornam-se novos centros comerciais da cidade, muitos não associados à Acia. Nadin reconhece também que, apesar dos comércios migrarem para essas regiões, muitos adotam

a operação híbrida, com loja presencial e online.

Para James Nadin, a infraestrutura e a Zona Azul não são os principais fatores da queda no movimento. “O sistema é essencial para garantir a rotatividade das vagas e a cobrança não afasta os clientes, mas há falta de informação sobre seu funcionamento”, compara.

Hoje, o centro da cidade abriga 392 lojas que participam da associação e sempre avaliam maneiras para melhorar a área comercial.

Em Sumaré, a saída da área central é perceptível. Segundo Selma Koshoji, presidente da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Sumaré (Acias), a cidade passa por um processo de descentralização, com novos polos surgindo em bairros como Nova Veneza, Matão e Maria Antônia. Ela destaca que “o centro mantém papel estratégico e concentra grande parte das atividades de serviços, saúde e instituições financeiras”.

A Acias atua em duas frentes para evitar a perda do comércio central, com o Projeto DEA, que promove *networking*, materiais e desenvolvimento de competências de gestão, e a Articulação Institucional, em parceria com a Prefeitura, para criar ambientes mais atrativos no Centro, com incentivos fiscais para reforma de imóveis, estímulo à locação a preços acessíveis e melhorias na infraestrutura urbana. “Estamos em diálogo com a Prefeitura para construir condições que tornem o Centro mais atrativo aos empresários”, explica.

Moradores do Jardim Itaguaçu vivem rotina de lama e transtornos

Prefeitura promete pavimentação para janeiro de 2026

Bárbara Machado

Os moradores do Jardim Itaguaçu, em Campinas, esperam desde abril de 2024 a conclusão das obras de pavimentação e drenagem das ruas Lourival de Almeida, Estevão Guedes e Gerônimo Mendonça, realizadas pelo projeto Meu Bairro Bem Melhor 2. O trabalho foi paralisado por conta da desistência da empresa contratada pela Prefeitura de Campinas. “Vivemos no lamaçal, mais de um ano e meio depois”, frisa o morador Luis Gomes Machado.

Machado mora na rua Sérvulo Henrique Barreto e relata que no bairro não passa o ônibus para não ficar atolado. “As ruas alagam a todo momento, os carros não sobem e nem descem e o ônibus já não passa por aqui mesmo. A lama invade o bairro todo e não conseguimos sair daqui, ficamos

presos,” afirma.

O Jardim Itaguaçu, segundo o Censo de 2022, é a comunidade urbana com mais moradores, totalizando 12,5 mil habitantes, com mais de 200 famílias apenas na rua Sérvulo Henrique Barreto. A pavimentação, inicialmente, foi iniciada para garantir o serviço de transporte público. O morador Claudemir Alzo Machado frisa que “pararam com as obras antes de chegar no mercadinho, nem chegaram perto do ponto de ônibus,” afirma.

Há dois anos a Prefeitura de Campinas prometeu fazer a pavimentação e drenagem do bairro Jardim Itaguaçu. Em abril de 2024, uma nova empresa que continuou com as obras teve o prazo prorrogado para a conclusão até janeiro de 2026. A assessora de comunicação, Talita Matias explica que o projeto urbano foi realizado em duas

etapas. “São diversos bairros, com necessidades diferentes”, justifica. O prazo para a conclusão das obras, salienta Talita Matias, difere de acordo com o projeto necessário para a execução da drenagem e pavimentação. O Jardim Itaguaçu é um núcleo residencial em processo de regularização pela Companhia de Habitação (Cohab) Campinas.

Porém, no site da prefeitura, a informação é de conclusão das obras, com a realização de uma solenidade realizada no dia 30 de agosto, pelo prefeito Dário Saadi. Os moradores publicaram posts no Instagram, relatando que o bairro precisa ser asfaltado. “É uma vergonha ver a prefeitura de Campinas divulgando um vídeo dando a entender que tudo foi resolvido, quando na verdade nem a metade do trabalho fizeram, frisa a moradora Bianca Santos.



Rua principal sem pavimentação (Foto: Bárbara Machado)

Foto: Bárbara Machado



O projeto contempla crianças e adolescentes, com modalidades como natação, ginástica rítmica, futsal e judô (Foto: Camille Valent)

Prefeitura oferece aulas de esportes

São mais de 16 modalidades e horários, no Parque do Taquaral, para pessoas a partir dos 7 anos

Camille Valent

A Prefeitura de Campinas promove a prática esportiva gratuita para os moradores da cidade. Com mais de 16 modalidades, algumas delas possuem até lista de espera devido à alta demanda. A iniciativa busca incentivar a saúde, o bem-estar e a convivência entre gerações, oferecendo uma variedade de modalidades e horários para pessoas desde os 7 anos até a terceira idade.

Um levantamento de 2022, nos Estados Unidos, com mais de 11 mil crianças entre 9 e 13 anos, nos Estados Unidos, constatou que a participação em esportes coletivos está associada a índices 10% menores de ansiedade, 19% menores de retraimento/depressão e 17% me-

nores de dificuldades de socialização. O estudo reforça a importância de projetos que incentivem o esporte desde cedo.

Atualmente, em Campinas, o maior número de procura aos esportes está concentrado ao público idoso, que recebe cerca de 500 atendimentos por semana. Para atender essa demanda, a prefeitura ampliou os horários e dias das aulas. Helena Vasconcellos, aluna das aulas de ginástica para a terceira idade, conta que perdeu cerca de 10kg. “Faço aula as terças e quintas, no período da manhã. E convenci minhas duas netas a praticarem esportes, e hoje uma faz ginástica rítmica e a outra natação.”

Além dos idosos, o projeto contempla crianças e adolescentes, com modalidades como natação, ginástica rítmica,

futsal e judô. A prática esportiva nessa faixa etária é essencial para o desenvolvimento físico, emocional e social. Segundo educadores físicos da própria Secretaria de Esportes, as aulas ajudam a aprimorar a coordenação motora, o trabalho em equipe e o senso de disciplina, ao mesmo tempo em que afastam os jovens do sedentarismo e do uso excessivo de telas.

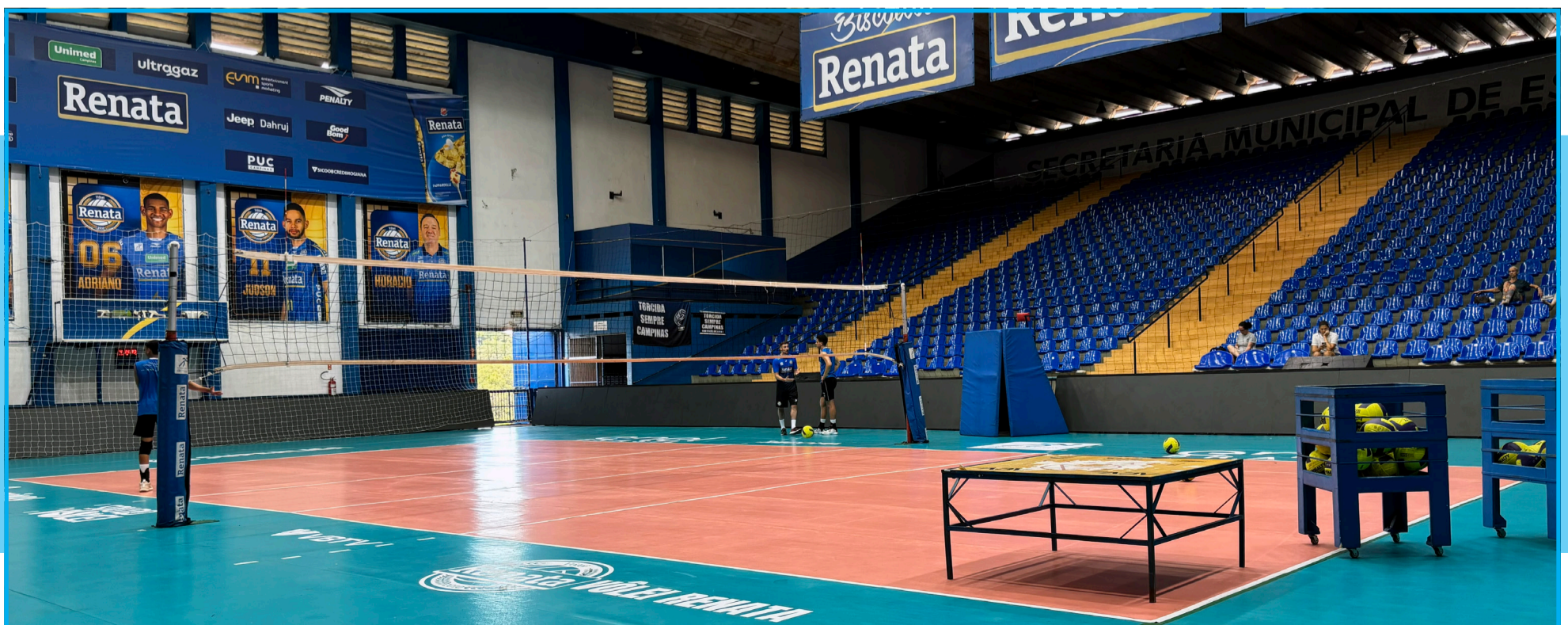
Pais e responsáveis relatam mudanças positivas no comportamento das crianças. “Meu filho sempre foi tímido, mas depois que começou a jogar futsal, passou a se enturmar mais e melhorou até nas notas da escola”, comenta a moradora Carla Ribeiro, mãe de um aluno de 10 anos.

Apesar da adesão, a divulgação ain-

da é um desafio. Muitos moradores da cidade afirmam não ter conhecimento sobre a existência dessas aulas gratuitas.

Um exemplo é o morador Luís Ming, do bairro Alto Taquaral, que ficou surpreso ao saber da iniciativa. “Meus médicos me recomendam a fazer esportes há mais de um ano, mas não consigo pagar uma academia e estou sem fazer exercícios. Não sabia dessa iniciativa da prefeitura, vou procurar saber mais a fundo”, disse.

A secretaria informou que não há previsão para a criação de novas modalidades nem para a ampliação dos horários disponíveis tem limitação de recursos humanos e financeiros, o que dificulta a expansão das atividades e o aumento do número de vagas.



As modalidades coletivas são ensinadas e praticadas no ginásio poliesportivo Engenheiro Alberto Jordano Pereira (Foto: Camille Valent)

Cambuí se torna foco de acidentes

Com mais movimentação noturna e falhas de tenção no trânsito bairro acumula ocorrências

Murilo Sturion

O bairro Cambuí, tradicional reduto da boemia campineira, tem vivido meses marcados por um aumento nos acidentes de trânsito. Conhecido pelo movimento de bares e restaurantes, o bairro mistura lazer, comércio e tráfego constante, uma combinação que tem se mostrado perigosa nas últimas semanas.

Desde o início de 2025, três ocorrências graves chamaram atenção de moradores e das autoridades locais. Em março, um carro avançou o sinal vermelho e atingiu uma viatura da Polícia Militar, dei-

xando quatro pessoas feridas.

Dois meses depois, outro veículo se partiu ao meio após uma colisão, revelando falhas mecânicas e a circulação de automóveis em situação irregular. Já em agosto, um jovem foi atropelado na Rua Emílio Ribas por um motorista que fugiu sem prestar socorro.

Segundo especialistas da Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (Emdec) as causas recorrentes são consumo de bebidas alcoólicas, uso do celular ao volante e desatenção às sinalizações. “Esses fatores se repetem em praticamente todos os registros mais gra-

ves”, apontam técnicos da autarquia. A combinação entre distração, pressa e álcool, somada à intensa movimentação noturna, forma um cenário propício a tragédias.

Os moradores relatam que a sensação de segurança no bairro depende muito do horário. Durante o dia, o fluxo de pedestres e comércios traz tranquilidade. Mas, à noite, as ruas mais vazias e motoristas em alta velocidade tornam a circulação mais tensa. “De nada adianta mais fiscalização se o motorista continuar agindo com imprudência”, afirma José Roberto Almeida, 52 anos, morador há mais de uma década na região.

Ainda assim, o trânsito no Cambuí continua caótico. As ruas estreitas e o número de veículos estacionados irregularmente contribuem para a confusão. A falta de respeito às faixas de pedestres e o estacionamento sobre calçadas são queixas constantes. Especialistas em mobilidade urbana defendem que, além da fiscalização, é urgente repensar a sinalização e a gestão de vagas na região, especialmente nas vias mais movimentadas, como a Júlio de Mesquita, a Sampainho e a própria Emílio Ribas.

O impacto do trânsito também é sentido pelos estabelecimentos comerciais. Funcio-

nários de bares e restaurantes relatam que o movimento intenso durante as noites de sexta e sábado frequentemente causa congestionamentos e desorganização.

Alguns estabelecimentos, porém, têm buscado contribuir com a conscientização. Em parceria com aplicativos de transporte, bares da região passaram a oferecer descontos para corridas de volta pra casa, estimulando os clientes a não dirigir após consumir bebidas alcoólicas.

Há iniciativas individuais, como a fixação de avisos sobre direção responsável e orientações diretas dos funcionários aos frequentadores.



O pesquisador Josemar Ventura da Silva afirma que Hortolândia é a cidade com mais adventistas por quilômetro quadrado no Brasil (Foto: Isabella Gonçalves)

Bairro de Hortolândia é composto apenas por adventistas

Local nasceu a partir da instalação de Unasp e cresceu com fiéis que vieram estudar e ficaram

Isabella Gonçalves

O Parque Ortolândia é o bairro principal da cidade de Hortolândia, o mais antigo e o mais desejado pelos moradores da cidade. Mas o que poucas pessoas sabem é como esse bairro funciona e como tudo começou, lá em 1950 com um colégio.

O bairro nasceu a partir da instalação da Unasp (Universidade Adventista de São Paulo), pela procura de adventistas que migravam de outros estados para estudar e muitos acabavam ficando. As famí-

lias se aproximavam, casas surgiam, pequenos comércios abriam e sem que ninguém percebesse, na época, um bairro inteiro nasceu ao redor da escola.

Hoje, o Parque Ortolândia parece ter conseguido guardar a vida tranquila, com um ritmo próprio e a presença da comunidade de origem. O bairro conta com mais de sete igrejas, e uma escola privada de ensino fundamental.

O pesquisador Josemar Ventura da Silva afirma que Hortolândia é a cidade com mais adventistas por quilôme-

tro quadrado no Brasil. Segundo ele, esse fenômeno se deve pela concentração de membros da igreja e pela educação adventista.

Quem lembra a história são os moradores do bairro. Entre as ruas arborizadas e morando ao lado de uma das instituições adventistas, Luiza Amorim, de 70 anos, conta ter nascido em São Paulo, mas se mudou para a cidade há 35 anos. “Eu não aguenta mais aquele clima de São Paulo. A gente sabia de Hortolândia, que tinha o colégio, e como éramos adventistas, vimos para cá”, conta. Ela

se lembra que tudo diferente. “As ruas eram de terra, era complicado pra chegar aqui. Mas você vai se acostumando, e eu lembro que pensava que não queria sair mais daqui”. Hoje, parte da sua família mora no bairro.

Mas o Parque Ortolândia não tem apenas histórias antigas. Todos os anos, recebe novos moradores, como Carla Barreto, que chegou há três anos e abriu o comércio Churrasquinho, um dos pontos mais frequentados. “A gente veio por conta dos meus pais, que queriam morar no interior.

Quando a gente chegou, lembro que eu vi o colégio e pensei que era muito lindo”, relembra. Segundo ela, no início estranhou não abrir aos sábados. “Mas nos acostumamos e gostamos da vida que levamos aqui. É muito boa”.

Os comerciantes que não estão acostumados com a religião, estranham o bairro, porque aqui todos desde padarias e restaurantes, até clínicas e lojas funcionam de segundas às sextas-feiras. E depois voltam a abrir apenas aos domingos, já que para a fé adventista o sábado é sagrado.

Feira destaca protagonismo feminino

Projeto reúne mais de 6 mil empreendedoras e incentiva a investirem em seus talentos

Laura Monteiro



As gêmeas Marilucy e Lucymara Toledo são donas de uma loja de doces artesanais (Foto: Laura Monteiro)



Feira descentralizada no Parque das Águas é um dos locais que o projeto acontece (Foto: Laura Monteiro)

A Feira da Mulher Empreendedora em Campinas promove o empreendedorismo feminino, oferecendo espaço para mulheres exporem seus produtos e serviços. A feira noturna e fixa, acontece na praça Largo do Pará, no Centro, e as demais feiras descentralizadas acontecem pelos bairros da cidade, de acordo com o cronograma do projeto. Com apoio da Prefeitura de Campinas e a Secretaria de Assistência Social de Campinas, o programa capacita suas participantes para gerar renda e transformar vidas.

A iniciativa, organizada pela idealizadora **Grazielle Moreno**, 38 anos, que é coordenadora de Políticas Públicas para Mulheres da Prefeitura, teve o foco inteiramente social, para dar oportunidade e autonomia às mulheres vítimas de situações domésticas abusivas, violentas ou de abandono. Ela conta que, o evento foi criado com o objetivo de oferecer uma via de engajamento e individualidade financeira. “É como um caminho para a independência e superação”, frisa.

No entanto, com o crescimento e o impacto da feira, as portas foram abertas para, também, acolher e incentivar o empreendedorismo de outras mulheres. “A essência e pontapé inicial foram pensados para as mulheres que precisavam de apoio para reconstruir suas vidas. Hoje, mantemos esse foco social enquanto pela importância de auxiliar todas a empreender e transformar suas realidades”, avalia Grazielle.

Segundo ela, a atividade é um agente de transformação. “Temos inúmeros casos de sucesso de mulheres que iniciaram suas jornadas e hoje possuem seus próprios restaurantes, negócios estabelecidos e empreendimento florescendo, com um significado profundo, para alcançar seus sonhos. É gratificante ver essas mudanças”.

A remuneração das participantes acontece de maneira integral, sem divisão de lucros. Grazielle afirma que isso potencializa o resultado de seus trabalhos em suas vidas. “Dessa forma, elas garantem o capital necessário para o reinvestimento e crescimento pessoal”.

As expositoras relatam satisfação ao trazer seus próprios produtos e serviços à feira, principalmente pelo aumento em 100% na renda familiar. As gêmeas **Lucymara e Marilucy Toledo**, 47 anos, iniciaram seu empreendimento em razão do estresse mental e físico causado pelo antigo emprego, quando desenvolveram alergias ao glúten e lactose. Buscaram ter o próprio negócio e criaram uma loja de doces artesanais, produzidos sem glúten, açúcar ou lactose. A feira, afirmam, abriu as portas para a transformação na vida das irmãs. “Estávamos doentes do trabalho. Hoje, fazemos tudo com muito amor e somos mais felizes trabalhando com o que a gente gosta”, afirma Marilucy.

A empreendedora **Sandra Militão** de 42 anos, teve sua trajetória alterada pela feira. Empreendedora há 20 anos, precisou deixar o espaço fixo para começar um novo negócio. Hoje, fabrica açaí e garante que “os clientes são fiéis”. O investimento lhe garante retorno financeiro para manter seus três filhos. “A feira foi uma porta que Deus abriu na minha vida”, agradece.

Novo lugar para terapias alternativas

Moradores do Distrito de Sousas terão atendimento gratuito sem agendamentos prévios

Maria Joana

A Prefeitura de Sousas cedeu o espaço Casa de Cultura e cidadania Antônio da Costa Santos para o Centro de Terapia Alternativa Bem-Estar, na rua 13 de maio. A iniciativa surgiu para pessoas mais carentes da região com a meta de ajudar a população a ter uma boa saúde mental e emocional. Os atendimentos são gratuitos, sem agendamentos prévios, e por ordem de chegada, das 8 às 12 horas.

A iniciativa foi de **Alexandre da Cunha**, psicólogo e professor de Reiki, que idealizou o projeto e apresentou para a prefeitura, em 2022. No espaço são oferecidas somente práticas interativas terapêuticas autorizadas pelo Sistema Único de Saúde como aulas de Yoga, constelação familiar, aplicação de Reiki, auriculoterapia, arte terapia, acupuntura, florais e nutricionista.

Todos os terapeutas atuam como voluntários, total

de sete profissionais. “Aqui não oferecemos respostas prontas e sim possibilidades. Cuidar da mente, do corpo, do espírito, das emoções e das relações exige tempo, presença e políticas públicas comprometidas com a vida”, frisa Cunha no relatório sobre as atividades realizadas no Bem-Estar, encaminhado para a USP-SP.

Voluntários

Segundo a psicanalista **Mara Lúcia Inocêncio**, uma das voluntárias, a proposta é ter mais voluntários para atuação do centro para ampliar o horário de atendimento ao público.

A aposentada **Maria Mendes** faz consultas com a nutricionista para a redução do seu colesterol.

A moradora **Cristiane Maria dos Santos** passou por várias terapias oferecidas pelos voluntários. “A melhor experiência foi na constelação familiar, as terapias são feitas por profissionais capacitados”, ressalta.



Entre os oferecimentos estão: Yoga, Reiki, acupuntura e florais (Foto: Maria Joana)

Cultura Hip-Hop ocupa praças do centro de Campinas

Batalha do Cálice transforma praças da cidade em palco de voz e cultura alternativa

Gabriel Quadros

Nas praças e no Centro de Campinas acontece a Batalha do Cálice, uma das maiores batalhas de rima do interior de São Paulo, que acontece toda sexta-feira no Largo do Pará. As batalhas reúnem cerca de 100 pessoas todas as semanas, em duelos artísticos nos quais MCs testam criatividade, ritmo e o impacto das palavras. Cada competidor se expressa com rimas improvisadas e o público decide o vencedor, por meio de gritos ou mãos levantadas, reforçando o caráter participativo e comunitário do evento.

A Batalha do Cálice surgiu em Belo Horizonte em 2017, idealizada por Pedro Marques, 22 anos, conhecido por MC Azek. Em Campinas, a primeira edição foi em 2018 na Praça das Águas, uma antiga praça de skate, hoje ocupado pela Sanasa para a construção de um reservatório de água. Desde então, a *Batalha do Cálice* se mudou para o Largo do Pará e consolidou-se como um dos principais pontos de encontro do movimento hip-hop campineiro, que é composto

por quatro categorias, sendo MC, Dj, Graffiti e Breaking.

Em 2020 **MC Ikki** (Pedro Furtado) entrou para a equipe e, em 2023, o MC Kriollo (Kevin Campos), atuais organizadores das batalhas. MC Ikki conta o que buscava ao integrar o movimento e a organização do Cálice, para contribuir com a cultura popular. “Era uma paixão que eu tinha, e eu ia entrar pra organização da maior batalha da cidade, daqui eu consigo fazer mudança”.

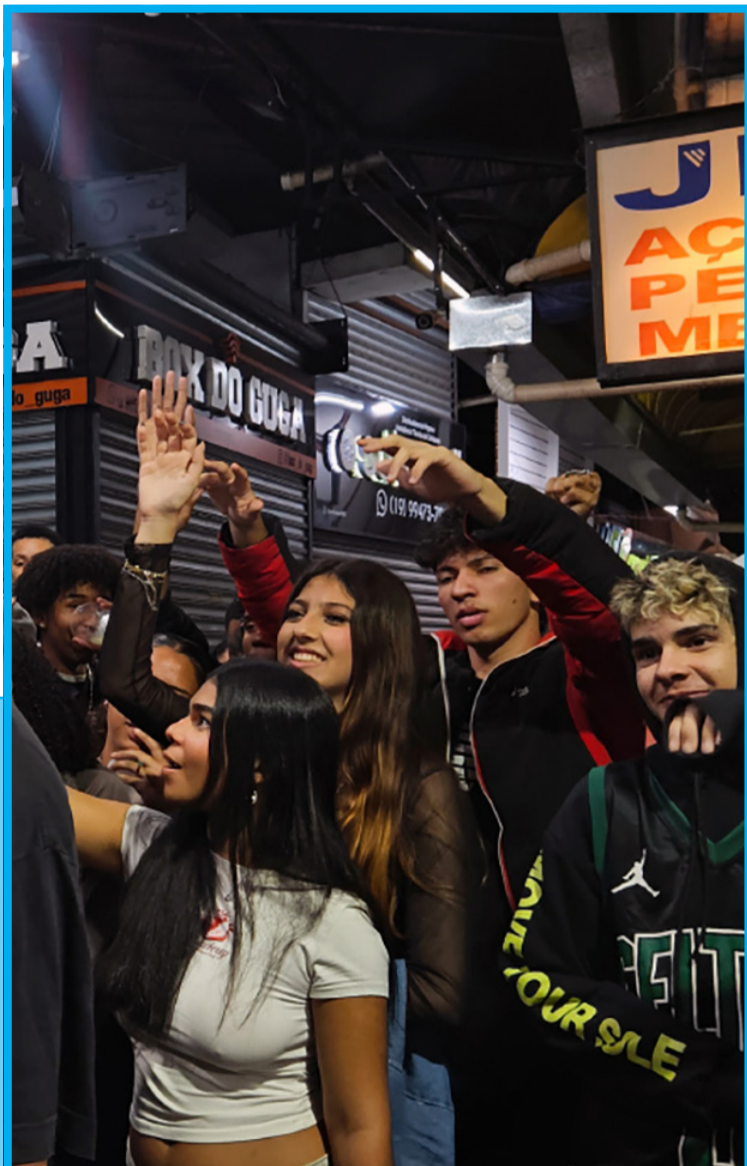
As batalhas são eventos culturais, como explica **Punka (Isabella Soares)** multiartista e MC. “A batalha de rima é um evento para se divertir, mas com cunho educacional e político”, analisa. Para ela, o importante é conscientizar as pessoas e desconstruir ódio.

Em 2023, uma plataforma de streaming divulgou os números do rap brasileiro entre ouvintes nacionais e internacionais, e Campinas é a quarta cidade do país que mais ouve o gênero. O movimento atrai estudantes, artistas, famílias e até mesmo curiosos andando pelas ruas. O espaço é aberto e todos podem participar. “Aqui é o povo que ama estar fazen-

do o rap”, diz **João Pedro**, frequentador. “Você pode ver que tem gente que só estava passando que pra assistir a gente. Então eu acho que é uma coisa que é muito mais além do entretenimento. Eu acho que isso daqui é a liberdade de expressão”, reforça.

Em outubro, Campinas sediou a Liga do Cálice, que ocorre desde 2023, e contou com cinco etapas durante todo mês. O confronto registrou no total 60 batalhas até a definição final dos quatro capitães, mais outros quatro MCs, de acordo com a pontuação registrada em suas apresentações. Neste ano, a final foi sediada na Plataforma da Estação Cultural, e os ganhadores foram o trio liderado por MC Brunnin, junto do MC VH e MC Disom.

Um dos vencedores e ganhador do título pela 2ª vez, **MC Brunnin** relata a sensação de ver as pessoas reunidas para ouvirem suas rimas. “O sentimento de estarem escutando o que você fala, entendendo e compreendendo, é muito legal”, diz ele. “Não tem como ter batalha sem MC, mas sem público também não”.



Batalha de Rima que aconteceu no Terminal Central, na segunda etapa da Liga do Cálice (Foto: Gabriel Quadros)

Urbanização acentua riscos à fauna

Em Vinhedo a aproximação cada vez maior entre as cidades e as matas traz riscos aos animais

Lorena Cruz

No dia 6 de setembro, uma jaguatirica adulta foi encontrada morta na Estrada da Boiada, na altura do número 1660, em Vinhedo (SP). O caso evidencia a crescente presença de animais silvestres em áreas urbanas do município, resultado direto da aproximação entre o espaço urbano e o habitat natural dessas espécies.

De acordo com o Grupo de Ações Preventivas Ambientais (GAPA), em 2021, 431 animais foram capturados na cidade e encaminhados para reabilitação ou para exames para identificação da morte. Em 2024, os números continuaram elevados: durante o inverno, foram registradas 129 ocorrências, enquanto na primavera o total subiu para 280, representando um aumento de 172% entre as estações.

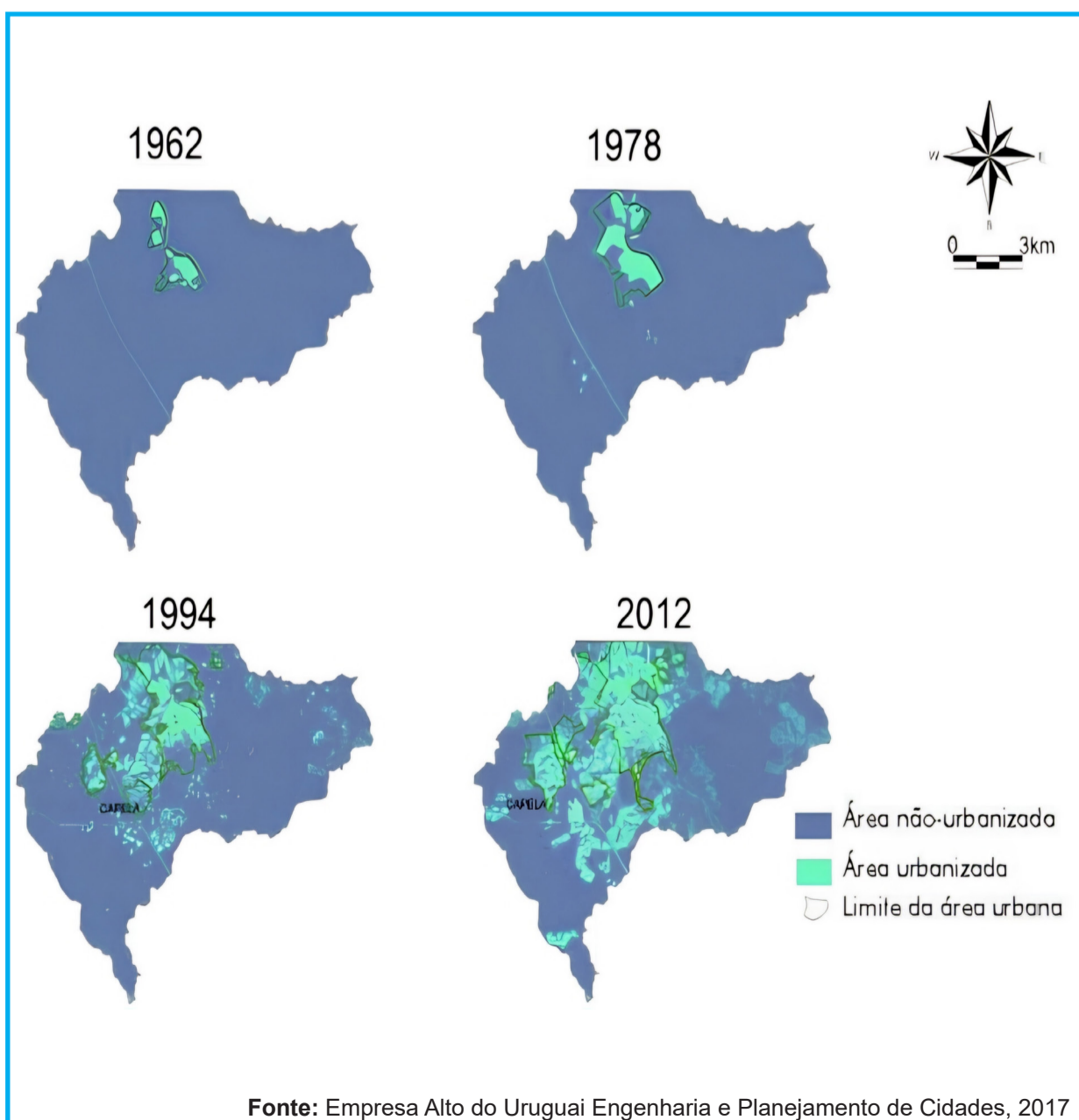
O biólogo e paleoantropólogo **Renan Morais** explicou que o aumento das ocorrências está relacionado à maior atividade da fauna silvestre durante a primavera, quando há reprodução, busca por alimento e deslocamento dos animais em áreas mais amplas. “Com a expansão urbana e a fragmentação de habitats, geralmente causadas pela construção de condomínios em Vinhedo, esses deslocamentos aumentam o risco de acidentes, como atropelamentos e choques elétricos”, exemplifica.

O avanço da urbanização em Vinhedo, impulsionado pela proliferação de condomínios horizontais e loteamentos fechados desde a década de 1970, expandiu a mancha urbana sobre áreas de proteção ambiental, especialmente na região leste do município. Segundo a dissertação *A sustentabilidade da política de mobilidade urbana no município de Vinhedo*, defendida por **Vinicius de Souza Moraes** (PUC-Campinas, 2021), empreendimentos como os condomínios Chácaras do Lago e Santa Fé foram construídos em zonas de preservação ambiental, contribuindo para a fragmentação de ecossistemas, o deslocamento da fauna e o aumento de atropelamentos de animais nas vias que cortam áreas verdes.

Após os resgates, os atendimentos são realizados pela Associação Mata Ciliar, em parceria com a Prefeitura de Vinhedo, que atua na reabilitação e reintegração de animais silvestres encontrados feridos ou em risco. Quando acionada



Animais, como o gambá da imagem, são capturados ou encontrados mortos em áreas urbanas de Vinhedo
(Foto: Lorena Cruz)

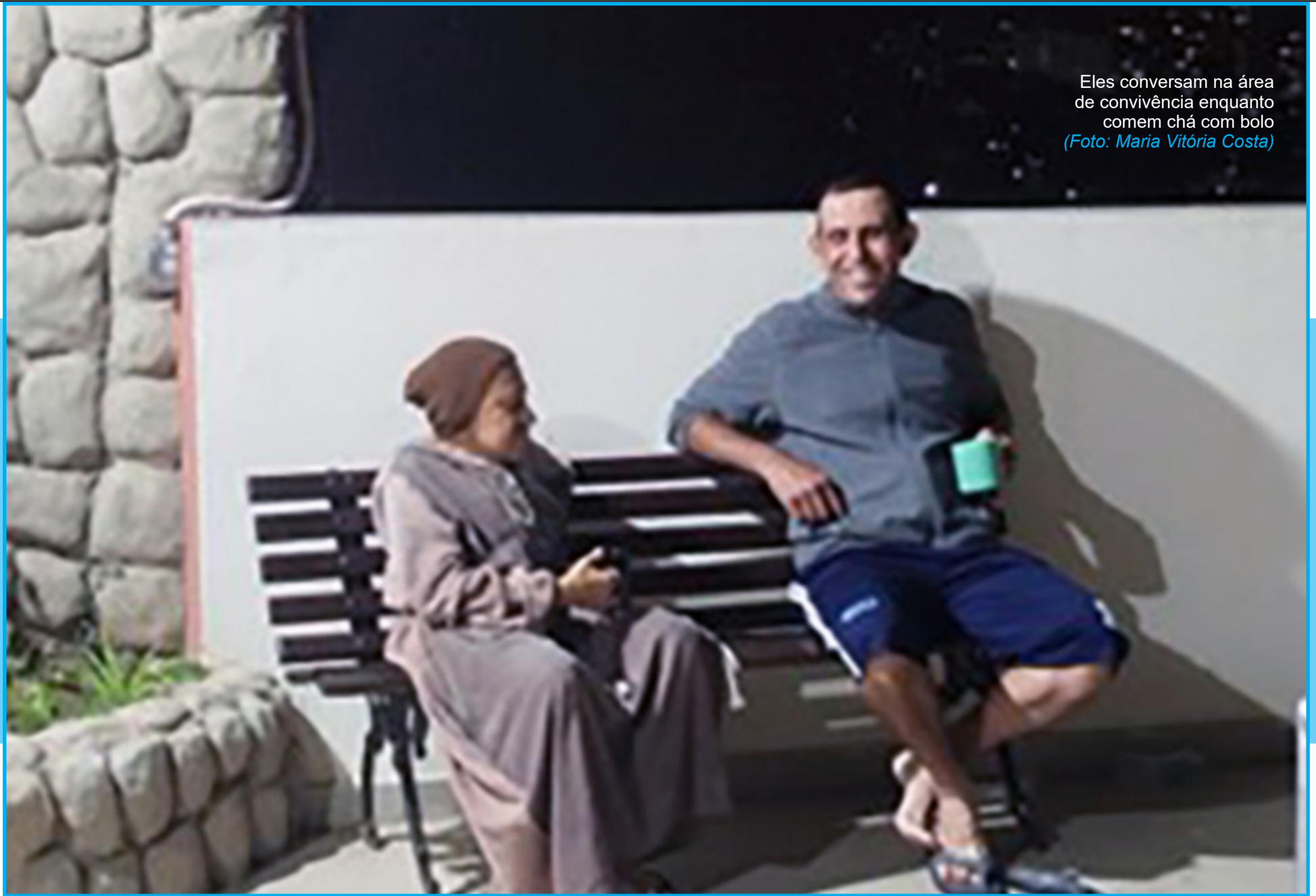


pelo Gapa ou por moradores, a equipe especializada realiza o resgate e encaminha os animais ao Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (CRAS), em Jundiaí, onde recebem atendimento veterinário e passam por um período de recuperação antes de serem devolvidos ao habitat natural. A associação também desenvolve ações de conscientização ambiental e educação comunitária, buscando reduzir os impactos da urbanização sobre a fauna nativa.

O biólogo Renan Morais reforça que “uma convivência mais harmoniosa é possível por meio do planejamento urbano sustentável, com a criação de corredores ecológicos, o reflorestamento de áreas degradadas e o controle do tráfego em regiões de passagem de fauna”, defende.

Para ele, ainda é necessário a realização de campanhas educativas e políticas públicas de conservação para garantir o equilíbrio entre o desenvolvimento humano e a preservação da biodiversidade local. “É necessário que haja um processo de reestruturação urbana em Vinhedo, principalmente voltado à educação ambiental”.

Além das ações de resgate e reabilitação, o Gapa e a Associação Mata Ciliar reforçam a importância da prevenção. A orientação é que os moradores evitem alimentar ou tentar capturar animais silvestres, mantenham terrenos limpos e, caso encontrem algum animal em áreas urbanas, acionar a Guarda Municipal pelo telefone 153.



Eles conversam na área de convivência enquanto comem chá com bolo
(Foto: Maria Vitória Costa)

Uma boa ‘toca’ para os vulneráveis

Acolhidos entram na sexta às 17h15 e passam o sábado e o domingo todo na Toca de Assis



Maria Vitória Costa

No bairro Vila Industrial, em Campinas, há uma pequena comunidade dedicada a restaurar a dignidade de homens em situação de rua e vulnerabilidade social. Toca de Assis foi fundada em 1994 para ajudar pessoas a se reintegrarem na sociedade, com a oferta de produtos de higiene pessoal, alimentação, estadia e assistência para a reconstrução de suas vidas.

A Toca possui sedes em vários lugares do país, duas dessas sedes em Campinas: A Toca de Assis Irmãos e Toca de Assis Irmãs e cada uma atende um público diferente. Em cada unidade, os monges (conhecidos por sua vida de oração e serviço) dedicam seus dias a acolher pessoas que perderam o vínculo com a família e com a sociedade. O que começou em uma pastoral de rua feita por um seminarista e um grupo de jovens, hoje, auxilia todos os dias 18 homens.

O Frei Dany Francisco Montenegro Paute (conhecido como irmão Galileu), 31 anos, conta que a Toca de Assis nasceu da união pela fé do seminarista Roberto Lettieri. As pastorais eram feitas nas ruas do Centro, perto da Basílica do Carmo, com ações que ajudavam a devolver a dignidade aos homens, com roupas limpas e um corte de cabelo. A adesão de mais voluntários e a popularização, das atividades permitiram que a Toca conseguisse uma casa própria para a acolhida. Os

homens permanecem nesse espaço durante a noite, por até três meses.

A assistente social voluntária **Maria Aparecida Santos Silva**, 49 anos, explica que dentro da casa ela e um outro psicólogo, também voluntário, realizam diversas atividades voltadas à reinserção social. A Toca auxilia na emissão de documentos, na busca por emprego e na libertação do vício das drogas, além de incentivar atividades recreativas, como jardinagem. Segundo ela, os homens atendidos entram pontualmente às 17h15 e saem dia seguinte, às 6h30. A rigidez dos horários é quebrada apenas para aqueles que trabalham durante o dia.

Todos possuem uma rotina estrita, para manter a boa convivência e ensinar sobre organização. Eles possuem tarefas a serem cumpridas e escalas das atividades que seguem durante a semana. Aos fins de semana, a programação é diferente. Os acolhidos entram na sexta às 17h15 e passam o sábado e o domingo dentro da Toca, sem poder sair e a agenda envolve sessões de cinema ou aulas de corte de cabelo.

A Toca busca fazer o possível para ajudá-los a mudar de vida. “Mas você é o único que pode mudar a sua história”, disse Maria. Apesar do esforço, a Toca de Assis enfrenta desafios para se manter. As doações, principal fonte de sustento, não são suficientes para atender à demanda, por isso busca mais voluntários e auxílio de instituições.

Acolhidos fazem oração antes do jantar coletivo (Foto: Maria Vitória Costa)